



PAULA, Anna Beatriz. Viajar entre mundos: um olhar sobre *Savitri: uma lenda e um símbolo*, de Sri Aurobindo. In: **Revista Épicas**. Ano 3, N. 5, Jun 2019, p. 1-12. ISSN 2527-080-X.

**VIAJAR ENTRE MUNDOS: UM OLHAR SOBRE SAVITRI:
UMA LENDA E UM SÍMBOLO, DE SRI AUROBINDO**

**TRAVELLING THROUGH WORLDS: A GLANCE ON SAVITRI:
A LEGEND AND A SYMBOL, BY SRI AUROBINDO**

Anna Beatriz Paula¹
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Resumo: Estudo do poema *Savitri: uma lenda e um símbolo* (1940), de Sri Aurobindo, com ênfase na trajetória heroica da personagem Aswapati, na metodologia espiritual orientada pelo Ioga Integral (Purna Yoga) e, de forma geral, na releitura que a obra faz da lenda de Savitri e Satyavan, presente nos Cantos 291-97 do *Mahabharata*, muito conhecida por ser uma referência ao amor e casamento perfeitos.

Palavras-chave: Literatura Indiana; *Mahabharata*; *Savitri: uma lenda e um símbolo*; Sri Aurobindo; Ioga Integral.

Abstract: Study of the poem *Savitri: a legend and a symbol* (1940), by Sri Aurobindo, with an emphasis on the heroic trajectory of the character Aswapati, on the spiritual methodology guided by Integral Yoga (Purna Yoga) and, in general, on the reinterpretation that the work makes of the legend of Savitri and Satyavan, present in Cantos 291-97 of the *Mahabharata*, well known for being a reference to perfect love and marriage.

Keywords: Indian literature; *Mahabharata*; *Savitri: a legend and a symbol*; Sri Aurobindo; Integral Yoga.

A Literatura indiana tem uma longa e reconhecida tradição em textos épicos. Embora haja uma diversidade de textos oriundos de diferentes tradições culturais da Índia, o

¹ Doutora (2006) em Ciências da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora de Graduação e Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná. Coordenadora do GT 6 – Épica Oriental do CIMEEP.

Mahabharata notabilizou-se como o principal deles – ao lado do *Ramayana*. Escrito em sânscrito, seus mais de setenta mil versos seguem encantando leitores pela sua profundidade e beleza estética graças a traduções para diferentes línguas. Enquanto modalidade narrativa, o *Mahabharata* (assim como o *Ramayana*) é entendido como um *Itihasa*, uma literatura do período heroico. Segundo Panniker,

The Mahabharata bristles with subplots and is hence a multiplex narrative, multi-focal, multi-character, polyphonic, multi-layered: Vyasa calls it Jaya, we call it the Grand Indian narrative, like India's history, geography, culture, linguistic composition, customs, manners and art forms. The Mahabharata is a tale of many tales told by many tellers. It is an epic of nature oral folk origin, in expression. Of national destiny, evolved out of primordial experiences and concepts, based on archetypes and the collective unconscious of the entire community, mixing fact and fantasy, mythology and history, insisting on an imaginative reading and interpretation rather than a logical or linear reading or an anthropological interpretation as most western scholars like H.H. Wilson or an archeological one of Indian pundits like D.D. Kosambi.²

A título de localização historiográfica, o *Mahabharata* seria uma coletânea de textos de tradições orais muito antigas que foram compiladas nessa grande obra, cerca de dois mil anos antes de Cristo. É dividido em 18 livros, ou *Panvas*. A autoria desse grande épico é atribuída a Krishna Dvapayana Vyasa que teria nele registrado a guerra fratricida entre seus netos, os Pandavas e Kauravas. No entanto, muito além dessa narrativa está o arcabouço filosófico da obra, o vedanta, ainda que alguns de seus textos sejam anteriores à escrita dos vedas. Assim, a obra conduz os leitores a uma reflexão em torno da evolução da alma individual e sua libertação da natureza material através da expansão da consciência, buscando a união com o Divino. Nessa perspectiva, cada texto guarda em si uma infinidade de símbolos, alegorias e metáforas a serem exploradas num sentido filosófico.

Desse grande épico, muitas outras obras surgiram, expandindo episódios nele contidos, resultando em narrativas, poemas longos, ou outros épicos de igual ou até maior difusão. Essas reescritas não são um fenômeno contemporâneo, pois têm início quando, explica Panikker, o sânscrito evoluiu nas diferentes línguas vernáculas que se formaram a partir das múltiplas tradições culturais que marcaram e marcam a complexidade da cultural da Índia. O pesquisador indiano complementa, ainda, que “Essa permanente reformulação das narrativas clássicas

² O Mahabharata é coberto de subenredos e é, conseqüentemente, uma narrativa múltipla, multifocal, polifônica, com múltiplos níveis e múltiplos personagens: Viasa o chama de Jaya, nós o chamamos de a Grande Narrativa Indiana, como a História da Índia, geografia, cultura, composição linguística, costumes, modos e formas de arte. O Mahabharata é uma história de muitas histórias, contada por muitos contadores. É, em sua expressão, um épico de natureza oral e origem folclórica. De destinação nacional, desenvolveu-se a partir de experiências e conceitos, baseado em arquétipos e no inconsciente coletivo da comunidade inteira, misturando fato e fantasia, mitologia e história, focando mais numa leitura e interpretação imaginativas do que numa leitura lógica linear ou interpretação antropológica como muitos estudiosos como H.H. Wilson ou a interpretação arqueológica como a de especialistas D.D. Kosambi. (Panikker, p.56-7). Tradução da autora.

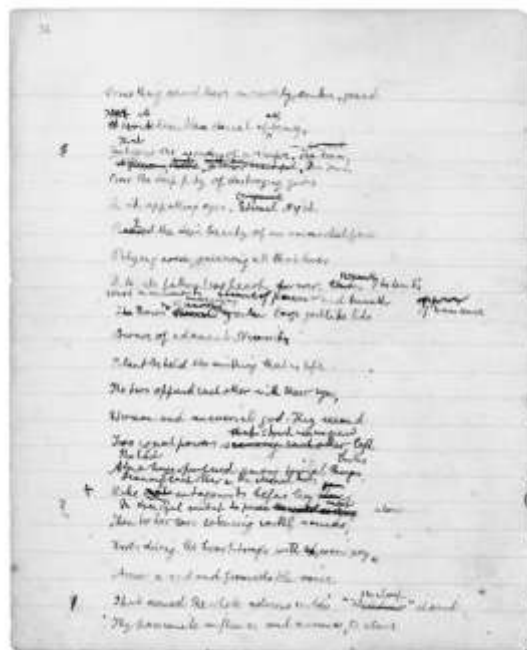
indianas revela que elas pertencem às diferentes comunidades e que cada uma delas tem o direito de adaptá-la ao seu contexto” (PANIKKER apud FESTINO, 2012, p. 4).

O presente estudo traz a conhecer uma dessas reformulações que se tornou grande referência épica na Índia, porém pouco conhecida no Brasil, justamente pela ausência de tradução do texto completo para o português: *Savitri: uma lenda e um símbolo*, de Sri Aurobindo. Pretendo, portanto, dar maior visibilidade ao texto, em si, daí ter optado por transcrições mais longas de modo a que os leitores tenham acesso mais consistente à obra. Para que se perceba o tratamento que Sri Aurobindo deu ao épico original, apresento um resumo da lenda como ela está presente no *Mahabharata* para, então, apresentar como Sri Aurobindo a reformulou. Como a tradução completa dessa obra de Sri Aurobindo para o português está em processo, farei uso de uma tradução lançada pela Casa Sri Aurobindo, em 1980, que é, na verdade, uma compilação de versos realizada por um discípulo, Rolf Gelewski. Pretendo, enfim, demonstrar como a trajetória heroica da personagem Aswapati, pai de Savitri, ganha destaque na obra de Sri Aurobindo pelo fato de representar a metodologia espiritual orientada pelo loga Integral (Purna Yoga), linha de ioga por ele sistematizada, transferindo a jornada heroica de reinos materiais para os mundos internos. Para tanto, concentro o estudo no Livro 2, intitulado *“The Traveller of Worlds”* (“O viajante dos mundos”), porém cito trechos do Livro 1 – *“Book of the Beginnings”* (“Livro dos Inícios”) e do Livro 3 – *“The Book of the Divine Mother”* (“O livro da Mãe Divina”).

Aurobindo Ghose nasceu em Calcutá em 15 de agosto de 1872. Aos sete anos foi, com dois irmãos mais velhos, estudar na Inglaterra, onde ficou por 14 anos. Estudou na St Paul’s School (1884) quando menino e foi como bolsista para o King’s College (1890), em Cambridge, onde estudou por dois anos. Nesses 14 anos na Inglaterra, ele teria sido mantido afastado da cultura indiana. Em 1893 ele retorna para a Índia e durante 13 anos atua no serviço público no estado de Baroda; no início em funções burocráticas, mas depois atua como professor de inglês e chega a ser vice-diretor do Baroda College. Nesse período, Aurobindo dedicou-se à produção literária, especialmente obras líricas que seriam publicadas mais tarde. Também focou no reencontro com a cultura indiana, aprendendo sânscrito e línguas vernáculas, entre outros estudos afins. A divisão de Bengala, em 1905, foi o evento decisivo para que ele deixasse o serviço público em Baroda e se transferisse para Calcutá, assumindo a direção do recém criado Bengal National College. Foi o momento em que Aurobindo se posicionou mais claramente em relação ao seu envolvimento com movimentos políticos pró Independência da Índia. Essa atuação política teria durado cerca de oito anos, de 1902 a 1910, período em ingressou em partidos políticos nacionalistas, participando de eventos e decisões importantes no agitado cenário político daquele momento. Destacou-se como o editor (1907) de uma publicação

política diária, o *Bande Mataram*, jornal que foi fechado em 1908 quando Aurobindo estava preso. Ficou preso por um ano e ao ser libertado encontrou um cenário político desfavorável. Ainda assim, buscou se manter na liderança política, atuando local e nacionalmente. Seguiu escrevendo textos políticos em dois jornais o *Karmayogin*, em inglês, e o *Dharma*, em bengalês. Segundo registrou em sua autobiografia, neste ponto de sua trajetória teria percebido que a Índia necessitava de outro tipo de liderança que não a dele, Mahatma Gandhi já iniciara seu movimento. Então, em 1910, Aurobindo decide se mudar para Pondicherry, na Índia francesa. Lá, após quatro anos de silêncio, fundou o jornal mensal *Arya*, onde publicava textos com suas leituras de textos clássicos, além dos relatos de suas experiências com o *yoga*, prática que teria começado em 1905 e que, segundo sua autobiografia, teria sido o foco de sua vida naquele um ano em que esteve preso. Nessa mesma cidade o Sri Aurobindo Ashram é fundado pouco tempo depois, atraindo discípulos de diversas partes do mundo que buscam se aprofundar no *Yoga Integral (Purna Yoga)*, sistematizado por Sri Aurobindo. Além de extensa obra poética, seus escritos filosóficos são respeitados e reconhecidos. Foi indicado para o Nobel de Literatura, em 1943, e para o Nobel da Paz, em 1950, ano de seu falecimento. Toda a sua obra está disponível na internet.

Savitri: uma lenda e um símbolo é considerado a obra prima de Sri Aurobindo. Os primeiros manuscritos datam de 1916. Inicialmente concebido como poema narrativo, por volta de 1930 passou a ser transformado em poema épico. O autor trabalhou no texto ao longo de sua maturidade e já praticamente cego, recebeu ajuda de um escriba para finalizar o texto - em torno de 1940. Na ilustração abaixo, é possível observar um fragmento do manuscrito da obra.



(1916 version of a passage in Book Nine, Canto One. In. AUROBINDO: 1997)

Em 1946, surgem as primeiras divisões em Cantos. A obra está dividida em 12 Livros e 49 Cantos. A edição que serve de base para o presente estudo é a quarta, publicada em 1993.

O enredo básico de Savitri praticamente não se diferencia daquele presente no Terceiro e mais longo Livro do: o “Livro da Floresta” (Vanaparva). Neste livro, os irmãos pandava encontram-se exilados na floresta e *Mahabharata* recebem ensinamentos sobre ética, moral e espiritualidade através de mitos e lendas. A lenda de Savitri e Satyavan está nos Cantos 291-97 do *Mahabharata* e é muito conhecida por ser uma referência ao amor e casamento perfeitos. Apresento um breve resumo que entendo útil para efeito comparativo em relação à obra de Aurobindo. Conta-se que Aswapati, rei de Madra, não conseguia ter filhos e, por isso decide praticar uma série de austeridades dedicadas à deusa Savitri para que fosse abençoado com a graça da concepção. Por ser um devoto dedicado ao extremo, foi-lhe concedida a graça de uma filha que recebe, então, o mesmo nome da deusa. É uma criança esplendorosa, cujo poder é tão superior que nenhum jovem tem coragem de propor casamento a ela quando esta se encontra na idade apropriada ao casamento. Diante disso, Aswapati concede à filha o direito de escolher um marido. Ela viaja por dois anos e escolhe Satyavan, filho de Dyumatsena, rei de Shalwa que, destronado e cego, vivia na simplicidade da floresta na companhia do filho. Quando ela retorna ao reino do pai e anuncia sua escolha, um sábio alerta que o rapaz está destinado a morrer no prazo de um ano. Ignorando essa advertência, Savitri decide manter sua escolha, casa-se e passa a viver de forma muito simples, devotada ao marido e aos seus parentes já que com eles passa a viver na floresta. Pouco tempo depois, o Deus da Morte vem colher a alma de Satyavan enquanto ele e Savitri estavam juntos colhendo lenha. Savitri, então, segue o Deus da Morte e, com engenhosidade insiste na reivindicação pela vida do amado. O Deus da Morte tenta dela se desvencilhar, oferecendo-lhe bênçãos, à exceção da vida de Satyavan. Assim, ela consegue que o sogro recupere a visão e o reino, consegue que seu pai, Aswapati, tenha muitos filhos e, ao conseguir a benção de muitos filhos com Satyavan, engana o Deus que se vê obrigado a devolver a alma de Satyavan à vida. Assim, Savitri e seu esposo retornam juntos ao reino de Dyumatsena, vivem felizes, prósperos e têm muitos filhos.



(Savitri e Satyavan. Direitos autorais: Copyrighted work available under Creative Commons by-nc 2.0 UK, see <http://images.wellcome.ac.uk/indexplus/page/Prices.html>)

Aurobindo desenvolve a releitura desse episódio, que tem 700 versos no *Mahabharata*, num poema épico de 24.000 versos brancos, escritos em inglês, atribuindo-lhe um subtítulo: “uma lenda e um símbolo”. Retomo aqui a fala do próprio Aurobindo, extraída do prefácio de Savitri, em que ele apresenta sua proposta de releitura:

The tale of Satyavan and Savitri is recited in the Mahabharata as a story of conjugal love conquering death. But this legend is, as shown by many features of the human tale, one of the many symbolic myths of the Vedic cycle. Satyavan is the soul carrying the divine truth of being within itself but descended into the grip of death and ignorance; Savitri is the Divine Word, daughter of the Sun, goddess of the supreme Truth who comes down and is born to save; Aswapati, the Lord of the Horse, her human father, is the Lord of Tapasya, the concentrated energy of spiritual endeavour that helps us to rise from the mortal to the immortal planes; Dyumatsena, Lord of the Shining Hosts, father of Satyavan, is the Divine Mind here fallen blind, losing its celestial kingdom of vision, and through that loss its kingdom of glory. Still this is not a mere allegory, the characters are not personified qualities, but incarnations or emanations of living and conscious Forces with whom we can enter into concrete

touch and they take human bodies in order to help man and show him the way from his mortal state to a divine consciousness and immortal life (AUROBINDO, 1997).³

Nota-se, portanto, neste posicionamento de Aurobindo que havia uma intenção maior quando ele recriou a lenda; ele mesmo traduz o simbolismo védico presente na obra e, na sequência, sugere que todos os seres humanos poderiam ter esse contato real com o que ele chama de emanções de Forças que mostrariam o caminho de uma condição mortal para uma consciência divina e imortal. Justifica-se assim, a opção dele em mudar a prática do rei Aswapati de ritos devocionais para a prática de loga. Um loga que o conduz por regiões da mente e do espírito onde ocorre a transformação de consciência que lhe permite a graça concedida da concepção de um filho. A viagem épica de Aswapati se dá por regiões da cartografia humana que Aurobindo elaborou e que faz parte da psicologia do seu loga, o Purna Yoga, ou loga Integral. Sri Aurobindo concebia o homem como capaz de manifestar uma realidade dividida quando se reconectasse (significado da própria palavra *yoga*) com o sagrado que estaria em si para, então, manifestar uma Supra Consciência. O objetivo do ser humano não seria a transcendência de uma vida material por uma espiritual fora do mundo concreto, mas a realização de uma Vida Divina, ou seja, a expressão plena do Divino num corpo e numa realidade materiais. Isso pode ser ilustrado no seguinte trecho de *Savitri*:

A Terra inteira será a morada manifestada do Espírito,
Não mais oculto pelo corpo e pela vida,
Não mais oculto pela ignorância da mente; [...]
Os olhos do Espírito olharão através dos olhos da Natureza,
Este mundo será o jardim visível de Deus [...]
Todas as coisas manifestarão o Deus encoberto,
Todas elas revelarão a luz e o poder do Espírito
E se moverão rumo ao seu destino de felicidade. [...]
A Natureza viverá para manifestar o Deus secreto,
O Espírito assumirá o jogo humano,
Esta vida terrena se tornará a vida divina
(AUROBINDO, 1980, p. 18-19).

³ A lenda de Satyavan e Savitri é contada no Mahabharata como uma história de amor conjugal conquistando a morte. Mas esta lenda é, como nos mostram as características das lendas humanas, um dos muitos mitos simbólicos do ciclo védico. Satyavan é a alma carregando a verdade divina de ser o que é mas decaída na densidade da morte e ignorância; Savitri é a Palavra Divina, filha do Sol, deusa da suprema Verdade que descende e nasce para salvar; Aswapati, o Senhor do Cavalo, seu pai humano, é o Senhor da Tapasya, a energia concentrada do esforço espiritual que nos ajuda a nos erguermos do planos mortais para os imortais; Dyumatsena, o Senhor dos Anfitriões Brilhantes, pai de Satyavan, é a Mente Divina aqui tornada cega, perdendo seu reino celestial da visão, e por essa perda, perde também seu reino de glória. Ainda assim, esta não é uma mera alegoria, as personagens não são qualidades personificadas, mas encarnações ou emanções de Forças vivas e conscientes com as quais podemos manter contato real e que adquirem feições humanas para ajudar o homem, mostrando a ele o caminho de sua condição mortal para a uma consciência divina e vida imortal. (AUROBINDO, 1997.) Tradução da autora.

Esse Espírito que assume o jogo humano é o elemento de interface entre a jornada heroica tradicional e a descrita por Aurobindo: herói seria aquele que desperta o poder do Espírito – ora oculto pela sua natureza emocional, mental e física – e faz com que esse Espírito assuma o jogo humano. Seria, então, o início da jornada que se concluiria com a manifestação da vida divina. Mas como seria essa jornada interior? O que esse herói enfrentaria? É isso que Aurobindo desenvolve quando registra a jornada de Aswapati, já reconhecido no fragmento que se segue como “Alguém que vê”, “um Hóspede brilhante do Tempo” e caracterizado como protagonista da busca que seria, na verdade, a busca realizada por todos os seres humanos.

Sozinho à frente da busca imemorial,
Protagonista do jogo misterioso
Em que o Desconhecido persegue a si mesmo através das formas
E imita sua eternidade pelas horas
E o Vazio cego luta para viver e ver,
Nasceu Alguém que vê, um Hóspede brilhante do Tempo.
Crescendo até seu Si mais amplo,
A humanidade cada vez menos limitou seus movimentos,
Um ser maior viu um mundo maior.
Uma corajosa vontade de conhecimento ousou apagar
As linhas de segurança traçadas pela razão e que barram
O voo da mente, o mergulho da alma no Infinito.
Com mãos sustentadas por um Poder transfigurador,
Ele ergueu agilmente, como se fossem um arco de gigante
Adormecido numa caverna lacrada e secreta,
Os poderes que, sem uso, dormem dentro do homem
(AUROBINDO, 1980, p. 20-21).

No trecho acima, verifica-se a referência ao Espírito esse poder real que é alcançado após as limitações da mente racional serem rompidas, libertando as outras mentes, assim como a alma que estaria livre para, então, mergulhar no Infinito. Esse mergulho é uma das constantes referências a movimento, deslocamentos. No trecho citado a seguir – continuação do anterior – segue a construção do campo semântico que se articula à descrição da trajetória heroica de Aswapati.

Levantando a pesada cortina de carne
Ele se achou num limiar vigiado por serpentes
E perscrutou luminosos corredores infindáveis,
Silencioso e à escuta, no coração silencioso,
A chegada do novo e do desconhecido.
Seus pensamentos cotidianos procuraram o Verdadeiro e o Um,
Suas ações mais comuns jorraram de uma luz interior.
Um e harmonioso pela habilidade do Criador,
O humano nele andou lado a lado com o divino.
Seus atos não traíram a chama interior.
Isso forjou a grandeza de seu avanço em relação à terra.
Nas células de seu corpo intensificou-se um gênio

Que sabia o sentido de seus trabalhos confinados pelo destino,
Irmanado ao movimento de Poderes não efetuados,
Além do arco da vida, nas imensidões do espírito.
À parte ele viveu na solidão de sua mente,
Um semideus moldando as vidas dos homens.
A ambição de uma só alma ergueu a espécie;
Um Poder trabalhou, mas ninguém soube de onde veio.
Ligadas à sua estavam as forças universais;
Enchendo a pequenez da terra com suas ilimitadas extensões,
Ele atraiu as energias que transmutam uma era.
Imensurável pelo olhar comum,
Ele fez de grandes sonhos um molde para coisas vindouras
E modelou seus feitos como bronze para enfrentarem os anos.
Sua marcha através do Tempo deixou atrás o caminhar humano.
Solitários os seus dias e esplêndidos como os do sol.
(AUROBINDO, 1980, p.19-22)

Vê-se no fragmento acima a referência a uma condição super humana, propiciada quando este ser desperto, conectado ao Espírito, também se conectaria a forças universais, que passariam a se manifestar através dele. Este é um dos conceitos mais importantes de Aurobindo, que assim explica: *“a Consciência-Verdade, ao encontrar a Natureza evolutiva pronta, deverá descer nela e permitir-lhe liberar o princípio supramental que ela encerra; assim será criado o ser supramental e espiritual, primeira manifestação sem véus da verdade do Self e do Espírito no universo material”* (AUROBINDO, 2018, p. 818).

Na continuação do poema, abaixo, encontra-se o termo “super-humano”, merecedor de inúmeros estudos comparativos com outras visões futuras do ser humano, elaboradas por outros filósofos ocidentais. No entanto, essa realização de uma super-humanidade não se constituiria um fim em si mesma, mas uma etapa até a materialização dessa vida divina no planeta. O que fica expresso no verso *“Aspirando trazer para baixo um mundo maior”*. E sequencialmente ele descreve esse movimento de descida para a manifestação de uma supraconsciência na natureza material humana.

Este conhecimento ele obteve primeiro de homens nascidos do tempo.
Ele encontrou a caverna oculta, a porta mística
Perto da fonte de visão na alma,
E entrou onde as Asas da Glória pairam
No espaço ensolarado onde tudo é para sempre conhecido.
O enigma se tornou claro e perdeu seu liame obscuro,
Uma amplidão consciente encheu o velho e mudo Espaço.
No Vazio ele viu entronizada a Onisciência suprema.
Uma Vontade, uma esperança imensa se apoderou então de seu coração,
E para discernir a forma do super-humano
Ele ergueu os olhos para alturas espirituais ainda não vistas,
Aspirando trazer para baixo um mundo maior.
A glória que ele vislumbrou tinha que ser sua morada.
Sua alma se retirou de tudo o que ele tinha feito.
Silenciado foi o fútil barulho da labuta humana,

Esquecido girou o círculo dos dias;
 Longe afundou a marcha atravancada da vida.
 O silêncio foi o único companheiro que lhe restou.
 Um chamado vindo de intangíveis alturas estava nele;
 Indiferente à pequena Mente sentinela,
 Ele habitou na amplidão do reino do Eterno.
 Seu ser agora excedia o Espaço Pensável,
 Seu pensamento sem fronteira era vizinho da visão cósmica:
 Uma luz universal estava em seus olhos,
 Um influxo dourado fluía pelo coração e cérebro;
 Uma força desceu para seus membros mortais,
 Uma corrente vinda de mares eternos de Beatitude;
 Ele sentiu a invasão e a inominável alegria.
 Num divino retirar-se do pensamento mortal,
 Num gesto prodigioso de visão-alma,
 Seu ser elevou-se a alturas inexploradas,
 Despido de sua veste de humanidade.
 Assim como subiu, para encontrá-lo nu e puro,
 Uma forte Descida lançou-se para baixo. Um Poder, uma Flama,
 Uma Beleza sem divisível, com olhos imorredouros,
 Um Êxtase violento, uma terrível Doçura
 Envolveram-no com seus membros estupendos
 E penetraram nervos e coração e cérebro,
 Que fremiram e fraquejaram com a divina manifestação:
 Sua natureza estremeceu à posse do Desconhecido.
 (AUROBINDO, 1980, p.19-22)

A trajetória heroica de Aswapati, embora bem-sucedida, foi marcada pelos desafios que caracterizam a jornada do herói presente em diferentes culturas. No entanto, em lugar de enigmas ou monstros, seus demônios estavam no Inconsciente: abismos sem mente onde residem os instintos. O excerto a seguir descreve parte do confronto intensificando o movimento descensional na direção do mais profundo do inconsciente, aqui tomado como inconsciente coletivo da humanidade, ressaltando que a jornada do herói é a jornada de cada um e de todos. Para trazer uma nova ordem, o herói deve ousar ir ao inferno e a ele sobreviver.

Uma escura Presença ambígua colocou tudo em questão.
 Ao longo de rápidos caminhos de queda, através de portões perigosos,
 Ele se arriscou numa obscuridade cinzenta
 Repleta de instintos dos abismos sem mente.
 Aventurando-se mais uma vez na névoa de origem,
 Atravessando o nevoeiro perigoso, a enervescência criativa,
 Ele abriu um caminho pelo caos astral.
 Como alguém que caminha sem guia através de regiões estranhas,
 Dirigindo-se não se sabe para onde, nem com que esperança,
 Ele pisou um solo que se desfez debaixo de seus pés
 E com força de pedra viajou para um fim fugidio
 Em volta dele um extinto brilho fantasma
 Povoou com formas sombrias e enganosas
 A caverna escura e incomensurável do vago Inconsciente.
 Sua única luz de sol era a chama de seu espírito.
 Um descobridor solitário nestes reinos ameaçadores,

Passando de um escuro a outro mais fundo e perigoso,
Ele lutou com os poderes que arrebatavam à mente sua luz,
E sacudiu de si suas influências pegajosas.
Em volta dele cresceu um desolado branco espiritual,
Um deserto ameaçador, uma sinistra solidão.
Ele se defrontou com um sentido de morte e de Vazio consciente
Impulsionado cada vez mais para baixo por uma estranha vontade,
O céu acima um comunicado da Lei fatal,
Ele lutava para proteger seu espírito do desespero,
Mas sentia o horror da Noite crescente
E o abismo se erguendo para reclamar sua alma.
Nada foi deixado, nem mesmo uma face maligna.
Ele estava só com a serpente cinzenta, Noite.
Atraído para uma boca negra gigante
E uma garganta engolidora e um enorme ventre de perdição,
Seu ser desaparecia de sua própria visão,
Puxado para profundezas que ansiavam por sua queda.
Um vazio sem forma sufocou seu cérebro em luta,
Uma escuridão feroz e fria oprimiu sua carne, [...]
Em oposição à espada de Flama, ao Olho luminoso,
Eles vivem emparedados em poderosas fortalezas de escuridão,
Calmos e seguros na reclusão sem sol:
Como num estúdio de Morte criativa
Os gigantes filhos da Escuridão estão sentados e planejam
O drama da terra, seu trágico palco.
Todos os que poderiam erguer o mundo caído têm que passar
Sob os arcos perigosos de seu poder;
Ninguém pode alcançar o céu sem que tenha passado pelo inferno.
Também isso o viajante dos mundos deve ousar.
(AUROBINDO, 1980, p. 28-33)

Após acompanhar essa façanha de Aswapati, assim como sua austeridade de iogue, - ainda que não seja objeto do presente estudo - é importante localizar a personagem Savitri, finalidade de tudo o que foi realizado pelo rei em sua jornada interior. Como Sri Aurobindo tratou a personagem? Originalmente uma alegoria do amor conjugal perfeito junto ao seu consorte Satyavan, ela é ressignificada e inserida no contexto do Purna Ioga. Para Aurobindo, através da Graça Divina a Supramente poderia se manifestar no plano material. Esse poder feminino seria responsável pela realização do plano, da visão de Sri Aurobindo para a humanidade e o planeta. Isso fica ilustrado no fragmento abaixo, já citado anteriormente:

Um Poder, uma Flama,
Uma Beleza semivisível, com olhos imorredouros,
Um Êxtase violento, uma terrível Doçura
Envolveram-no com seus membros estupendos
E penetraram nervos e coração e cérebro,
Que fremiram e fraquejaram com a divina manifestação:
Sua natureza estremeceu à posse do Desconhecido.
(AUROBINDO, 1980, p. 22)

A Divina Graça se manifestará, através dele, Aswapati, como Savitri, que – conforme caracterizou Aurobindo no prefácio do livro – teria nascido para salvar a humanidade da inconsciência.

Como foi mostrado ao longo do estudo, a reformulação elaborada por Sri Aurobindo refletiu um objetivo para além do literário, sem qualquer dano ao literário presente em *Savitri*. As descrições dos mundos internos apresentadas revelavam o despertar de uma consciência espiritual num sujeito que ativamente a buscava com o objetivo realizá-la no mundo material através de um movimento de precipitação que será recorrente em toda obra, não apenas nos fragmentos citados. A sequência dos trechos citados revela, por fim, o quanto Aurobindo soube aproveitar a força do mito presente no *Mahabharata* para empoderar sua criação e atribuir profundo sentido à jornada interior implementada pelo viajante dos mundos.

Referências bibliográficas

AUROBINDO, Sri. **Savitri**: certeza de um dia espiritual. Seleção e compilação: Rolf Gelewiski. – Revista Ananda, caderno especial VIII – jul. 1980. São Paulo: Casa Sri Aurobindo, 1980.

_____. **Savitri: a Legend and a Symbol**. The Complete Works of Sri Aurobindo – vol. 33 and 34. Sri Aurobindo Ashram Publication Department: Pondicherry, India, 1997.

_____. **A vida divina**. São Paulo: Pensamento, 2018.

PANIKER, A. **Indian Narratology**. New Delhi : Indira Gandhi National Centre for the Arts : Sterling Publishers, 2003.

FESTINO, Cielo G. “O gênero conto na Índia. O *katha* no *short story* e vice-versa”. Guavira Letras. Três Lagoas. N.18. 730 p. jan/jul, 2014/2 (p. 405-436)

GOHN, Carlos. “A reescrita de uma História da Índia (Savitri) e sua transformação em um texto sagrado”. In. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 131-144. Disponível em file:///C:/Users/Anna%20Beatriz/Downloads/21801-Texto%20do%20artigo-86061-1-10-20121123.pdf . (Último acesso em 01.03.2020)

SATPREM. **Sri Aurobindo ou A aventura da consciência**. Rad.: Sandra Mafra Amora. São Paulo: Perspectiva, 2011.